



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS E ROTINA PARA TEA

ADAPTATION OF MATERIALS AND TEA ROUTINE

Camila de Vila Nova Gonçalves¹
Claudiana de Vila Nova Gonçalves²
Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha³

RESUMO

A presente pesquisa destaca a educação como um direito humano fundamental, reconhecida internacionalmente desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, e enfatiza a importância de uma abordagem inclusiva para todos, especialmente para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse sentido, o presente estudo foca na adaptação pedagógica necessária para que esses estudantes possam participar de forma igualitária no ambiente escolar, por meio de ferramentas específicas de ensino e aprendizagem. O objetivo principal é ressaltar a construção de uma rotina educacional inclusiva para alunos com TEA, promovendo a justiça social e garantindo seus direitos educacionais. Objetivos específicos incluem a criação de mecanismos para concretizar a inclusão escolar e a valorização de práticas pedagógicas como o assessoramento, atividades lúdicas e a afetividade como elementos essenciais para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno com TEA. Metodologicamente, a pesquisa se baseia em uma revisão bibliográfica para construir uma base teórica sólida sobre o tema, evidenciando a importância de um ambiente escolar que acolha esses grupos sociais historicamente marginalizados. O estudo visa, assim, contribuir para a produção e disseminação de conhecimentos relevantes na educação inclusiva, buscando aproximar cada vez mais a realidade de uma escola que atenda plenamente às necessidades dos estudantes com TEA.

Palavras-chave: Formação de Professores. Direitos. Igualdade.

ABSTRACT

This research highlights education as a fundamental human right, internationally recognized since the Universal Declaration of Human Rights of 1948, and emphasizes the importance of

¹ Acadêmica do Curso de Especialização em alfabetização, letramento e educação especial: perspectivas na inclusão na diversidade cultural, UFMS, CPAQ, nlispector@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Especialização em alfabetização, letramento e educação especial: perspectivas na inclusão na diversidade cultural, UFMS, CPAQ, camila.goncalves@sme.prefeitura.sp.gov.br

³ Professora Orientadora, UFMS/CPAQ, pós doutora em Educação, fatima.cunha@ufms.br



an inclusive approach for all, especially for students with Autism Spectrum Disorder (ASD). In this sense, this study focuses on the pedagogical adaptation necessary for these students to participate equally in the school environment, through specific teaching and learning tools. The main objective is to emphasize the construction of an inclusive educational routine for students with ASD, promoting social justice and guaranteeing their educational rights. Specific objectives include the creation of mechanisms to achieve school inclusion and the valorization of pedagogical practices such as counseling, playful activities and affection as essential elements for the learning and development of students with ASD. Methodologically, the research is based on a bibliographic review to build a solid theoretical basis on the subject, highlighting the importance of a school environment that welcomes these historically marginalized social groups. The study thus aims to contribute to the production and dissemination of relevant knowledge in inclusive education, seeking to bring the reality of a school that fully meets the needs of students with ASD ever closer.

Keywords: Teacher Training. Rights. Equality.

1. INTRODUÇÃO

A educação como um direito humano básico foi consagrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Ela também é “crucial para lidar com a pobreza global, melhorar a saúde... e permitir que as pessoas desempenhem um papel pleno e ativo em suas comunidades”. A educação inclusiva é, muito simplesmente, uma declaração do direito fundamental de todos de acessar a educação e não ser excluído. Na prática, muitos grupos de pessoas não acessam esse direito, então os principais instrumentos internacionais e documentos de desenvolvimento explicaram com mais detalhes o que significa acessar os direitos educacionais. Cada vez mais, é reconhecido que a cooperação para o desenvolvimento deve refletir uma estrutura de direitos humanos e, portanto, promover a educação para todos em suas diretrizes de financiamento e políticas (Santos, Rodrigues, 2021).

Nesse sentido, a adaptação para alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é abordada dentro da questão da educação inclusiva como sendo um mecanismo pedagógico de implementação para que a inclusão dos estudantes nessas condições seja concretizada da forma adequada. Outrossim, essa adaptação consiste na elaboração de um conjunto de ferramentas implementadas dentro de um planejamento de ensino e aprendizagem específico que possa fazer com que os alunos com TEA possam integrar as salas de aula em condições de igualdade com os demais alunos regulares.

Nessa senda, o objetivo geral da presente pesquisa consiste em ressaltar a importância de uma construção de rotina direcionada a potencializar a educação inclusiva dos estudantes



com TEA, a fim de promover não só a concretização dos direitos dessas crianças, mas também a justiça social dentro do ambiente escolar. Nos objetivos específicos, contempla-se a intenção de abordar a educação inclusiva como sendo uma conjuntura na qual se demonstra essencial desenvolver mecanismos para a concretização dos direitos de inclusão, evidenciando a sua importância dentro do contexto escolar. Ademais, também se busca disseminar os conhecimentos necessários à compreensão da importância de outras questões que podem auxiliar para essa concretização, como o assessoramento pedagógico, as práticas lúdicas e a afetividade na educação dos alunos com TEA.

Para tanto, realiza-se pesquisa, por meio de revisão bibliográfica, a fim de construir uma fundamentação teórica sólida para o entendimento da importância de proporcionar a esses grupos sociais, historicamente segregados, um ambiente escolar justo e acolhedor. Dessa forma, pretende-se fazer com que a presente pesquisa possa contribuir para a disseminação e produção de conhecimentos relevantes na esfera educacional para tornar cada vez mais próxima uma realidade escolar inclusiva para os estudantes com TEA.

2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E RECURSOS NECESSÁRIOS À SUA EFETIVAÇÃO

A proposta da presente pesquisa trabalha a hipótese de que a efetivação da Educação Inclusiva vai além da simples matrícula de alunos com deficiência em escolas regulares, visando exclusivamente a socialização. A inclusão escolar deve abranger todos os alunos e só se torna significativa se possibilitar seu ingresso, permanência e aproveitamento acadêmico. Isso só pode ser alcançado através da atenção às suas peculiaridades de aprendizagem e desenvolvimento. Isso se aplica tanto aos alunos com deficiências ou outras condições peculiares de desenvolvimento, quanto àqueles que, por qualquer motivo, necessitam de diferentes formas de interação pedagógica, suportes adicionais (como recursos, metodologias e currículos adaptados) e tempos diferenciados, ao longo de todo ou parte do seu percurso escolar (Dias; Henrique, 2018).

A adaptação de materiais e rotinas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é essencial para promover uma inclusão eficaz. Isso envolve não apenas a modificação de recursos didáticos, mas também a organização de um ambiente escolar que atenda às necessidades específicas desse público. Materiais adaptados podem incluir recursos visuais, como cartões de comunicação e pictogramas, que facilitam a compreensão e a expressão dos alunos com TEA. Além disso, a criação de rotinas estruturadas e previsíveis ajuda a reduzir a



ansiedade e promove um ambiente seguro e acolhedor (Jardim, 2023).

A implementação de estratégias pedagógicas adaptadas também desempenha um papel fundamental na inclusão de alunos com TEA, e pode envolver o uso de metodologias como o ensino estruturado, que organiza o ambiente de aprendizagem em atividades claramente definidas e sequenciadas, facilitando a compreensão e o engajamento dos alunos. Da mesma forma, a modificação de currículos para incluir conteúdos relevantes e adequados ao nível de desenvolvimento de cada aluno é fundamental para garantir que todos tenham acesso a uma educação de qualidade (De Lima Lino, 2022).

Outrossim, a verdadeira inclusão escolar só é alcançada quando todos os alunos, independente de suas necessidades específicas, têm acesso a um ambiente educacional que respeita e valoriza suas diferenças. Isso não apenas promove o desenvolvimento acadêmico, mas também contribui para uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos têm a oportunidade de aprender e crescer juntos (Reganhan; Manzini, 2009).

Em uma escola inclusiva, o aluno é o foco central de toda ação educacional, sendo essencial assegurar que cada aluno tenha uma trajetória de aprendizagem significativa e desenvolva as competências necessárias para participar plenamente da sociedade como cidadão. Isso requer um entendimento profundo das potencialidades e das necessidades individuais de cada aluno, proporcionando um ambiente educacional que seja verdadeiramente inclusivo e que promova o sucesso acadêmico e pessoal de todos (Dias; Henrique, 2018).

Tais teorias corroboram a ideia de que a escola inclusiva não se limita apenas a integrar alunos com deficiências em classes regulares, haja vista que abrange todos os estudantes, reconhecendo que cada um tem suas próprias características e ritmos de aprendizagem. Para isso, são necessárias práticas pedagógicas adaptadas, currículos flexíveis e suportes adicionais que garantam que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas necessidades específicas (De Lima Lino, 2022; Machado, 2019).

Para que uma escola se torne inclusiva, é essencial contar com a participação consciente e responsável de todos os atores que permeiam o cenário educacional. Gestores escolares desempenham um papel crucial na formulação de políticas inclusivas e na alocação de recursos necessários para apoiar alunos com necessidades especiais. Professores são fundamentais na implementação de práticas pedagógicas inclusivas, adaptando o currículo e utilizando metodologias que atendam às diversas necessidades de aprendizagem de seus alunos (Dias; Henrique, 2018).



O trabalho com crianças que apresentam TEA por muitas vezes exige da dinâmica escolar uma mudança significativa nas suas estruturas diárias. Devido as características comportamentais este aluno pode vivenciar situações de extremo desconforto caso a escola não modifique suas práticas cotidianas e busque formas de garantir e efetivar as situações de equidade no aprender. Porém, sabe-se que este processo de transformação escolar, onde muda-se o foco do aluno e passa-se a olhar de forma criteriosa as respostas educacionais que o sistema oferece a estes alunos, não é algo simples de ocorrer. Neste aspecto acredita-se que o trabalho colaborativo entre o professor do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado se caracterize como algo fundamental no sentido de colaborar significativamente neste processo (Dias; Henrique, 2018, p. 37).

Além disso, os familiares desempenham um papel vital como parceiros na educação de seus filhos, compartilhando informações relevantes sobre suas necessidades e colaborando com os educadores para criar um ambiente de apoio em casa e na escola. Membros da comunidade local também têm um papel importante, oferecendo apoio e oportunidades para a participação dos alunos em atividades sociais e culturais inclusivas (Jardim, 2023).

Ademais, a construção de uma escola inclusiva também não se limita à adaptação de recursos físicos e pedagógicos, na medida em que requer uma mudança cultural e atitudinal. Isso envolve promover uma cultura de respeito à diversidade, valorizando as contribuições únicas de cada aluno para o ambiente escolar. Dessa forma, somente através da colaboração e do compromisso de todos os envolvidos, é possível criar um ambiente onde todos os alunos possam aprender, crescer e se desenvolver plenamente, independentemente de suas características individuais (De Lima Lino, 2022).

Para isso, cada estudante deve ser tratado e avaliado individualmente, focando em suas especificidades e dificuldades de forma personalizada. Isso exige que os profissionais da educação tenham um considerável conhecimento de estratégias que possam colaborar eficazmente com o desenvolvimento de cada aluno. Nesse contexto, a parceria entre o professor do ensino regular e o professor da educação especial desempenha um papel crucial e fortalecedor (Reganhan; Manzini, 2009).

Do Nascimento et al (2021, p. 86) corrobora essa ideia, argumentado que:

O autismo vem ganhando visibilidade nos últimos anos por ter várias especificidades e assuntos em que ainda não se sabe muito a respeito e precisa ser pesquisado. É o déficit no desenvolvimento do indivíduo que muda a forma que ele compreende o mundo, dificultando sua interação com as pessoas e pode ser identificado ainda quando criança. Sabemos que existem inúmeras dificuldades para ensinar essas crianças, sendo assim é necessário de certas metodologias para alcançar esse aprendizado.



Ademais, enquanto o professor do ensino regular se responsabiliza por transmitir os conteúdos acadêmicos de maneira acessível e compreensível para todos os alunos da turma, o professor da educação especial trabalha para identificar e implementar as melhores ferramentas e estratégias que permitam ao aluno com necessidades específicas acessar esses conteúdos. Isso pode envolver adaptações no material didático, utilização de recursos de tecnologia assistiva, como softwares de leitura, comunicação alternativa, ou apoios visuais, entre outras estratégias (Machado, 2019).

Essa colaboração não se limita apenas ao compartilhamento de responsabilidades, mas também ao trabalho conjunto na avaliação das necessidades individuais de cada aluno e no desenvolvimento de planos de ensino personalizados (PEPs). O professor da educação especial traz sua expertise em identificar as barreiras de aprendizagem e em desenvolver estratégias para superá-las, enquanto o professor do ensino regular contribui com seu conhecimento acadêmico e pedagógico para adaptar o currículo de forma inclusiva (Do Nascimento et al, 2021).

Dessa forma, a parceria entre esses profissionais não apenas fortalece o processo educacional inclusivo, mas também enriquece o ambiente escolar, promovendo uma cultura de colaboração e aprendizagem mútua. É através dessa união de esforços que se torna possível oferecer uma educação de qualidade que atenda verdadeiramente às necessidades de todos os alunos, preparando-os para uma participação plena e bem-sucedida na sociedade (Do Nascimento et al, 2021; Dias, 2018).

Segundo Machado (2019), o termo autismo vem do grego autos, que significa “de si mesmo”. Essa condição patológica envolve a percepção de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: distúrbios de comunicação, dificuldades de interagir socialmente e a realização de práticas repetitivas limitadas. O DSM-TR (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana, e a CID 10 (Classificação Internacional de Doenças), da Organização Mundial da Saúde, demonstram um consenso ao caracterizar esse transtorno. Nesse sentido, o TEA é definido por déficits de comunicação, inserção social e outras questões comportamentais, sendo considerado como uma tríade que se desenvolve na pessoa por intermédio de transformações no sistema nervoso central. Ademais, o autismo pode estar relacionado a outras diversas síndromes e outros distúrbios de desempenho cognitivo. A educação inclusiva de estudantes com TEA no espaço educacional, dessa forma, não envolve apenas inclui-las fisicamente na sala de aula, mas também a sua integração no meio social e nas atividades grupais e individuais. Além disso, Machado (2019) afirma que todo o grupo escolar deve ter condições de fazer transformações,



porquanto o autismo representa uma condição que atinge as crianças de forma muito intensa em determinados casos, fazendo com que elas não consigam, muitas vezes, realizar atividades da mesma forma que as outras crianças.

Nesse cenário, tais condições, que podem resultar nesses déficits comportamentais causam importantes transfigurações sensoriais e comportamentais em sua vida social e em sua aprendizagem e capacidade de envolvimento com a coletividade. Dessa forma, deve haver políticas pedagógicas e métodos especializados para que a criança com TEA compreenda a vida e a sua integração no espaço educacional, e se sinta segura e confortável. Ademais, crianças com TEA devem ter oportunidades de desenvolver a sua autonomia e liberdade de expressão. O estabelecimento de uma rotina escolar com estímulos visuais e sensoriais para que ela possa se orientar e se preparar para atividades e eventos na escola pode ser uma opção viável para fazer com que esses estudantes sejam incluídos de forma integral nas salas de aulas, nas atividades em grupo e nas práticas lúdicas e interativas durante o ensino e aprendizagem (Machado, 2019).

Segundo explicam Gomes, Silva Reis e Sass (2023), o ambiente ideal para um aluno com TEA seria uma sala de aula onde cada detalhe, desde a disposição das carteiras até a forma como as instruções são dadas, tem um propósito claro: apoiar a jornada única de aprendizado de cada aluno. Para os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse cuidado e atenção são ainda mais cruciais. Não se trata apenas de mudar um pouco a rotina ou adaptar um material aqui e ali. É sobre construir uma experiência educacional que respeite, de fato, quem eles são. Os alunos com TEA muitas vezes veem o mundo de uma forma diferente. Para alguns, as palavras flutuam no ar como peças de um quebra-cabeça desordenado. Para outros, os sons e luzes que a maioria das pessoas mal nota podem ser tão intensos quanto uma tempestade. Nesse sentido, surge um questionamento sobre o que isso significa para os educadores. A resposta revela que a necessidade de encontrar maneiras de falar essa "língua" que nem sempre é conhecida, de criar pontes que conectem seus universos únicos ao currículo da sala de aula.

2.1 Assessoramento pedagógico como uma alternativa para implementação da rotina dos alunos com TEA

A educação, a partir da década de 1980, passou por transformações significativas, impulsionadas pela revolução tecnológica e pela emergência de novas teorias educacionais, especialmente as teorias construtivistas. Essas mudanças foram fundamentais para redefinir a forma como o ensino e a aprendizagem são concebidos, destacando a necessidade de uma



educação inclusiva de qualidade. Nesse novo paradigma, o educando deixou de ser visto como um mero receptor de informações e passou a ser reconhecido como um agente ativo no processo de aprendizagem, portador de conhecimentos prévios que influenciam sua formação (Lopes; Nascimento, 2019).

As teorias construtivistas, influenciadas por pensadores como Jean Piaget e Lev Vygotsky, enfatizam a importância da interação do aprendiz com o ambiente e com os outros. Essa interação é considerada essencial para a construção do conhecimento, onde o sujeito aprende a partir de suas experiências e reflexões sobre o mundo. O foco, portanto, se deslocou do conteúdo a ser ensinado para o próprio aprendiz, que é visto como um ser capaz de formular hipóteses e construir significados a partir das relações que estabelece com o meio. Essa abordagem revolucionou a concepção educacional, propondo que a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando o aluno é incentivado a participar ativamente de seu processo formativo (Lopes; Nascimento, 2019).

Nesse contexto, a educação inclusiva emerge como uma resposta à necessidade de garantir que todos os alunos, independentemente de suas particularidades, tenham acesso a um ambiente de aprendizado que respeite e valorize suas singularidades. A inclusão não se limita à presença física do aluno com deficiência no ambiente escolar, mas envolve a criação de condições que promovam sua participação efetiva e significativa. Assim, a escola passa a ser vista como um espaço de convivência e troca, onde a diversidade é reconhecida como um valor e não como um obstáculo (Dos Anjos Silva, 2022).

A partir dessa perspectiva, é fundamental que as práticas pedagógicas sejam adaptadas para atender às necessidades de cada aluno, respeitando seus conhecimentos prévios e seu ritmo de aprendizagem. O professor assume um papel de mediador, promovendo um ambiente em que todos os estudantes possam interagir, colaborar e aprender uns com os outros. Isso implica a utilização de metodologias diversificadas, que estimulem a participação ativa dos alunos e reconheçam suas contribuições individuais. Nesse sentido, o uso de recursos tecnológicos, atividades lúdicas e abordagens que valorizem a afetividade e a interação social se tornam ferramentas essenciais para a efetivação da educação inclusiva (Dos Anjos Silva, 2022).

O diagnóstico do autismo é um processo que, por enquanto, depende inteiramente de uma avaliação clínica. Devido ao desconhecimento das causas específicas do Transtorno do Espectro Autista (TEA), não é possível detectá-lo através de exames laboratoriais ou procedimentos objetivos. Esse processo de diagnóstico é feito por profissionais especializados, que, por meio de consultas e observações detalhadas, conseguem identificar sinais



característicos do espectro em cada criança, respeitando as particularidades e os diferentes graus de manifestação do transtorno (Neves; Nascimento, 2020; Camargo et al, 2020).

Falar sobre autismo hoje é bem mais comum do que era há alguns anos. A informação sobre o TEA está cada vez mais acessível, e com o aumento de diagnósticos, as pessoas se mostram mais abertas a entender e acolher as crianças que vivem essa realidade. A sociedade tem se transformado aos poucos, com uma busca mais consciente por conhecimentos sobre o autismo e um olhar mais atento para as necessidades dessas crianças (Neves; Nascimento, 2020; Camargo et al, 2020).

Embora o TEA geralmente seja identificado ainda na infância, há casos em que o diagnóstico só ocorre mais tarde. Mesmo assim, são justamente nos primeiros anos de vida que surgem os sinais mais evidentes, permitindo que os profissionais intervenham de maneira mais eficaz. Esse período da infância é crucial, pois é quando todos nós, independentemente de termos autismo ou não, desenvolvemos habilidades e aprendizados que carregaremos pelo resto da vida. Para as crianças com autismo, esse acompanhamento precoce é ainda mais importante (Freitas; Gonçalves, 2023).

A observação atenta e o entendimento das características do autismo infantil são passos fundamentais para que pais, professores e profissionais de saúde possam oferecer o suporte adequado. Compreender os sinais específicos do TEA desde cedo não só facilita o diagnóstico, mas também garante que as intervenções necessárias sejam realizadas no momento certo, promovendo um desenvolvimento mais harmonioso e integrador para essas crianças. Afinal, todo aprendizado adquirido nessa fase da vida tem um impacto profundo e duradouro, moldando o modo como elas se relacionam com o mundo ao longo dos anos (Sampaio; Magalhães, 2018).

Nesse sentido, Santos e Rodrigues (2021, p. 05) explicam:

Partindo dessa ideia é notável nos dias atuais as dificuldades na aprendizagem do aluno com autismo na Educação Infantil, nesse sentido é preciso que haja diferentes formas de ensino que facilitem o desenvolvimento dessas crianças, e para isso educadores do ensino regular tenta praticar aulas através do lúdico fazendo com que se tenha um bom entendimento através das brincadeiras vivenciadas. Existem diversas crianças diagnosticadas com autismo na Educação Infantil, com isso alguns professores não sabem como lidar com esse tipo de deficiência, porém não basta ser professor temos que ir a busca do melhor para nossos alunos, através de conhecimentos precisos e que nos faça ter empatia por todas as situações que encontrarmos facilitando assim o modo de ensino principalmente no que desrespeita a aprendizagem das crianças autistas. Há uma luta constante dos alunos autistas nas escolas das séries regulares de ensino. Algumas escolas não



estão preparadas para atender crianças com essa deficiência por não ter profissionais habilitados e até mesmo por não saber utilizar metodologias que favoreçam o desenvolvimento da criança. Com isso a prática pedagógica aos alunos autistas da Educação Infantil precisa de cuidados e educação que estejam ligadas através de brincadeiras que estimulem o ensino nessa modalidade e o desenvolvimento destas crianças. É grande o desafio que encontramos nas escolas, pois requer compreensão de acordo com as relações da criança autista.

Professores altamente qualificados e competentes são a chave para sistemas educacionais capazes de cumprir essa demanda, que se apresenta como sendo uma questão de alta relevância social. Esta tem sido uma mensagem constante resultante do trabalho da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em educação por meio de programas como o Programa de Avaliação Internacional de Alunos (PISA) e a Pesquisa Internacional de Ensino e Aprendizagem (TALIS). Em uma sociedade do conhecimento, os professores também são cada vez mais vistos como profissionais do conhecimento, trabalhando na linha de frente de um dos mais importantes sistemas de criação e transferência de conhecimento da sociedade: a educação (Cameron, 2013).

A aprendizagem combinada repensa as rotinas estabelecidas e o sequenciamento do trabalho e do ensino dos alunos para melhorar a compreensão e depende fortemente de recursos pedagógicos. Esta abordagem visa a ser envolvente e coerente para os alunos, bem como otimizar o acesso aos conhecimentos do professor, reduzindo as tarefas rotineiras. O relatório discute três formas principais de combinação: sala de aula invertida, modelos baseados em laboratório e combinação em sala de aula (Sampaio; Magalhães, 2018).

Diversos estudos e pesquisas exploram como a elaboração de um planejamento assessoramento pedagógico eficaz, juntamente à implementação dos processos de formação de docentes, podem capturar o interesse dos alunos enquanto têm um propósito sério, como promover a autorregulação e as habilidades para lidar com a complexidade e o desconhecido. Essas pedagogias se baseiam explicitamente nos recursos educacionais, como a aplicação de atividades interacionais, interpretativas, estimulantes para o senso crítico e para a participação e desafio progressivo, bem como nos elementos humanos de narrativas e identidades, colaboração e competição (Cameron, 2013).

Mover um curso para um ambiente combinado, online ou à distância requer algum nível de avaliação e redesenho do curso. Ter uma compreensão do processo de ensino, tanto dentro quanto entre as disciplinas, pode ter um efeito profundo no desenvolvimento de um programa



acadêmico coeso. Com uma compreensão da pedagogia, um desenvolvedor de curso eficaz pode implementar uma mudança pedagógica positiva sem prejudicar a integridade de uma disciplina. Espera-se que os professores processem e avaliem novos conhecimentos relevantes para sua prática profissional básica e atualizem regularmente a base de conhecimentos de sua profissão. Este desafio está situado em um sistema educacional em rápida mudança, que deve entregar as “habilidades do século 21” em salas de aula cada vez mais diversificadas e condicionado pela expansão da base de conhecimento científico baseado em pesquisa sobre ensino e aprendizagem (Cunha, 2014; Cameron, 2013).

Esse processo de renovação contínua dos saberes profissionais dos professores é uma parte importante, talvez a mais importante, da profissionalização dos professores. Essas novas demandas e oportunidades podem exigir que os professores atualizem seus métodos de ensino, empreguem práticas de ensino inovadoras e mobilizem várias fontes de conhecimento. Para alguns países, isso pode implicar uma requalificação da força de trabalho docente atual e uma atualização da base de conhecimento da profissão dentro das instituições de formação de professores e através das comunidades profissionais. Entender como é a base de conhecimento atual ajudará a determinar se em que medida é necessário atualizar as habilidades dos professores (Cunha, 2014).

As metas de alto nível de alfabetização das escolas são mais bem alcançadas em contextos cotidianos e culturalmente significativos. Esta contextualização utiliza os fundos de conhecimento e habilidades dos alunos como uma base para novos conhecimentos. Essa abordagem promove o orgulho e a confiança, bem como um maior desempenho escolar (Marcelo Garcia, 2010; Mayor Ruiz, 2007; Cunha, 2015; Cunha, 2014).

O aumento da instrução contextualizada é uma recomendação consistente dos pesquisadores em educação. As escolas normalmente ensinam regras, abstrações e descrições verbais, e ensinam por meio de regras, abstrações e descrições verbais. As escolas precisam ajudar os alunos em risco, fornecendo experiências que mostram que conceitos abstratos são extraídos e aplicados ao mundo cotidiano (Marcelo Garcia, 2010).

“Compreender” significa conectar o novo aprendizado ao conhecimento anterior. Ajudar os alunos a fazer essas conexões fortalece o conhecimento recém-adquirido e aumenta o envolvimento do aluno com as atividades de aprendizagem. Teóricos do esquema, cientistas cognitivos, comportamentalistas e antropólogos psicológicos concordam que a aprendizagem escolar se torna significativa ao conectá-la às experiências pessoais, familiares e comunitárias dos alunos (Cunha, 2014).



A educação eficaz ensina como as abstrações da escola são extraídas e aplicadas ao mundo cotidiano. A colaboração com pais e comunidades pode revelar padrões apropriados de participação, conversação, conhecimento e interesses que farão a alfabetização, a matemática e as ciências significativas para todos os alunos (Cunha, 2014).

O desenvolvimento da competência do assessoramento pedagógico deve ser um método presente em todas as atividades educacionais durante o dia escolar, a fim de proporcionar aos alunos com TEA uma atividade docente mais especializada em suas dificuldades e sua inclusão concreta em sala de aula. A alfabetização é a competência mais fundamental necessária para o sucesso escolar, uma vez que, por meio da linguagem se torna possível a comunicação entre educador e educando, por intermédio da qual pode ser promovida a relação de aprendizagem a partir de uma pedagogia inovadora. O conhecimento escolar e o próprio pensamento são inseparáveis da linguagem. Linguagem social cotidiana, linguagem acadêmica formal e léxicos de assuntos são essenciais para o sucesso educacional (Sampaio; Magalhães, 2018).

Por conseguinte, depreende-se, também, que a atividade docente nos sistemas de assessoramento pedagógico se mostra mais efetiva enquanto aplicada por meio de metodologias inovadoras, as quais dispensam a mecanização das atividades e promovem um ambiente educacional mais interativo e participativo. Dessa forma, trata-se salientar a importância de aplicar a pedagogia a partir de práticas que ultrapassem os padrões tradicionais, a fim de oportunizar o aprendizado e a formação dos docentes de maneira mais eficaz.

2.2 O lúdico e afetividade na educação do aluno autista

Brincar é uma atividade física ou mental prazerosa, intrinsecamente motivadora, orientada para o processo, livremente escolhida, na qual a criança se envolve ativamente e espontaneamente, principalmente em um ambiente seguro. As crianças devem se divertir, ou não é considerada uma brincadeira. As crianças do período neonatal à adolescência passam de 3% a 20% do dia brincando. Dessa forma, trata-se de uma atividade diária fundamental que permite que as crianças aprendam e dominem várias habilidades que envolvem habilidades de negociação, resolução de problemas, inteligência emocional, melhorando sua destreza manual, compartilhamento, tomada de decisões e trabalho em grupo. Brincar ajuda as crianças a descobrir seus interesses. Brincar promove a integração do desenvolvimento mental com a vida social (Santos; Rodrigues, 2021).

Além disso, a brincadeira não estruturada permite que as crianças se exercitem mais,



gastem mais calorias, evitem os efeitos da vida sedentária e permaneçam saudáveis. As crianças não precisam aprender a brincar; elas o adquirem naturalmente, evidenciando que a brincadeira é relevante para o desenvolvimento da infância. Conseqüentemente, a brincadeira se torna a linguagem da criança, e os brinquedos se tornam as palavras da criança. A brincadeira e os brinquedos se tornam um meio para prevenir ou resolver dificuldades sociais e/ou psicológicas às quais a criança pode ficar exposta. Os adultos geralmente subestimam as capacidades das crianças, especialmente quando se trata de brincar, e devem conduzir as crianças durante a brincadeira com uma agenda que parece vital para elas, sem permitir que brinquem de acordo com o que querem ou precisam. Entretanto, não há muitas oportunidades para as crianças brincarem sem diretividade, regras, condições e/ou agenda, porque os adultos geralmente mudam ou negligenciam a estrutura e o fluxo da brincadeira da criança (Silva Leite; Dantas, 2020).

A brincadeira tem sido defendida em sistemas educacionais, médicos, de saúde mental e/ou ambientes comunitários, sendo reconhecida atualmente como sendo um mecanismo potencializador de diversas áreas de desenvolvimento da criança, como a cognitiva, social e educacional. Ademais, a brincadeira auxilia na comunicação e no entendimento da linguagem da criança, para que seja possível entender as nuances e complexidades envolvidas em seu crescimento e desenvolvimento ao longo da infância (Lopes; Nascimento, 2019).

Dessa forma, Santos (2021, p. 03) afirma:

É papel da escola, formar pessoas críticas e criativas que criem, inventem, descubram e sejam capazes de construir conhecimento. Não devendo aceitar simplesmente o que os outros já fizeram, aceitando tudo o que lhe é oferecido. Daí a importância de se ter alunos que sejam ativos e logo aprendam a descobrir, adotando assim uma atitude mais de iniciativa. Entende-se a função da educação promover o desenvolvimento global da criança; para tanto é preciso considerar os conhecimentos que ela já possui proporcionar a criança vivenciar seu mundo, explorando, respeitando e reconstruindo. Nesse sentido a educação deve trabalhar a criança, tomando como ponto de partida este ser humano com características individuais e que precisa de estímulos, para crescer criativo, inventivo e acima de tudo crítico. Quando o aluno chega à escola, traz consigo uma gama de conhecimento oriundo da própria atividade lúdica.

Para Piaget (2010), o desenvolvimento intelectual se divide em duas esferas: a cognitiva e a afetiva. A esfera cognitiva se caracteriza pelas funcionalidades inerentes à memória, ao raciocínio, à formação dos conhecimentos e as associações feitas nos processos de construção de pensamentos. Já a esfera afetiva se desenvolve por meio das sensações, emoções,



sentimentos, dos relacionamentos entre os conhecimentos formados na esfera cognitiva e os sujeitos e interações sociais, em que são constituídos vínculos e conceitos aos quais se relacionam a afetividade da criança. Segundo explica o autor, ambos podem se manifestar concomitantemente, uma vez que não se pode realizar um comportamento afetivo sem a presença da função cognitiva. No desenvolvimento infantil, o autor relata que os comportamentos afetivos caracterizam as formas de interação de organização dos conhecimentos e das relações consolidadas com a sociedade, pois, à medida que a criança adquire as capacidades linguísticas, ela se dirige diretamente a pessoa com quem deseja se comunicar, caracterizando a descentralização da afetividade e resultando na socialização.

Wallon (1971) ressalta que os conceitos de afetividade e emoção não se confundem. A afetividade constitui concepções mais abrangentes e podem implicar efeitos orgânicos. Wallon (2007) explica que a atividade infantil acarreta componentes como a afetividade, as funções motoras e a inteligência, uma vez que estes estão interligados. Nesse sentido, sua evolução traz uma dinâmica em que conforme avança o desenvolvimento, as atividades da criança se tornam cada vez mais intencionais e conscientes, e passam a representar os meios pelos quais a criança expressa as suas emoções.

Ademais, Wallon (2007) complementa que os movimentos são fundamentais para a evolução da afetividade e da cognição, haja vista que, inicialmente, os movimentos expressam a dimensão da afetividade da criança. Assim, o desenvolvimento é um processo progressivo, que traz conflitos internos e externos, considerando que, no âmbito da psicogênese, as interações em seu ambiente promovem a progressão dos conhecimentos adquiridos pela criança, que funcionam como recursos e mecanismos pelos quais ela estabelece sua relação com a sociedade.

No ambiente escolar, a participação dos professores nas atividades recreativas tem papel fundamental para o desenvolvimento da criança, uma vez que a interação com aluno sob perspectivas além da autoridade oportuniza a criação de um ambiente acolhedor e confortável para a criança. Além disso, a construção de relações amigáveis entre alunos, professores e demais colegas em sala de aula fazem com que sejam incentivados comportamentos cooperativos e inclusivos, além de ajudar a exemplificar, por meio de atividades atrativas, como praticar o respeito, a reciprocidade, a gentileza, a proatividade e diversos outros comportamentos que vão contribuir para que a criança desenvolva a afetividade a partir de relações saudáveis dentro do seu meio escolar e social (Wallon, 2007).

Segundo esclarece Piaget (1981), as emoções devem ser trabalhadas em todas as esferas



da vida, inclusive, na esfera educacional. Elas fazem parte dos processos psicossociais, os quais representam bases fundamentais na educação, e sobre os quais foram desenvolvidas diversas teorias a fim de promover melhor a compreensão e o reconhecimento das características emocionais estabelecidas nos contextos histórico-sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre a Educação Inclusiva e os recursos necessários para sua efetivação destaca a importância de ir além da simples inclusão física de alunos com deficiência em escolas regulares, enfatizando que uma verdadeira inclusão só é alcançada quando são considerados todos os aspectos da trajetória acadêmica e social desses alunos. A abordagem inclusiva deve focar não apenas na socialização, mas também no aprendizado e no desenvolvimento individual, assegurando que cada estudante tenha suporte adequado para seu progresso acadêmico e pessoal.

A adaptação de recursos e metodologias específicas para atender as necessidades de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é essencial para criar um ambiente acolhedor e seguro. O uso de recursos visuais, como pictogramas e cartões de comunicação, e a organização de rotinas estruturadas são ferramentas que ajudam esses alunos a se sentirem mais confortáveis e capazes de interagir com o ambiente de aprendizado. Esses ajustes são necessários para minimizar a ansiedade e proporcionar um espaço que respeite suas particularidades.

Outro aspecto crucial é a modificação do currículo e a implementação de estratégias pedagógicas adaptadas para alunos com TEA, como o ensino estruturado, que organiza o ambiente de aprendizagem de maneira clara e previsível. Isso não só facilita o entendimento e o engajamento dos alunos, mas também garante que eles tenham acesso a uma educação significativa e de qualidade, alinhada ao seu nível de desenvolvimento.

A inclusão escolar envolve uma mudança cultural e atitudinal, que requer uma abordagem colaborativa entre todos os envolvidos, como gestores, professores e famílias. A atuação integrada de professores do ensino regular com especialistas em educação especial é apontada como uma estratégia eficaz para garantir que os alunos com necessidades específicas recebam o suporte adequado. Essa parceria é fundamental para o desenvolvimento de planos de ensino personalizados e para a adaptação dos materiais e metodologias de acordo com as demandas de cada aluno.



Os desafios de inclusão para estudantes com TEA são evidentes na necessidade de adaptar o ambiente escolar para atender às suas características únicas de percepção e comportamento. Um ambiente educacional ideal para esses alunos deve ser planejado de forma a minimizar estímulos sensoriais excessivos e oferecer suporte contínuo para que eles possam se engajar plenamente nas atividades escolares.

Ademais, a seção da pesquisa que trata sobre assessoramento pedagógico discute uma questão essencial na educação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): a implementação de estratégias eficazes para atender suas necessidades específicas. Vou realizar uma análise em alguns pontos centrais mencionados, destacando os desafios, as oportunidades e as perspectivas para a aplicação desse tipo de apoio pedagógico. Destaca-se a complexidade do diagnóstico do TEA, que é realizado por meio de uma avaliação clínica detalhada, uma vez que não há exames laboratoriais que identifiquem diretamente o transtorno. Essa realidade evidencia a necessidade de um assessoramento pedagógico que seja informado e adaptável. É essencial que os profissionais de educação estejam capacitados para reconhecer sinais do autismo e saibam como ajustar suas práticas pedagógicas para promover um ambiente de aprendizado inclusivo.

Essa abordagem é particularmente importante nos primeiros anos de vida das crianças com TEA, pois esse período é essencial para o desenvolvimento de habilidades que influenciam o restante de suas vidas. A intervenção precoce não só contribui para uma melhor integração das crianças com autismo no ambiente escolar, mas também para o desenvolvimento de suas habilidades sociais, cognitivas e emocionais.

Por fim também foram analisadas questões acerca das atividades lúdicas, demonstrando que o brincar é descrito como uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, sendo uma forma natural de as crianças explorarem o mundo ao seu redor, desenvolverem habilidades sociais e cognitivas, e expressarem suas emoções. No contexto de alunos autistas, essa prática é ainda mais importante, pois permite que eles desenvolvam habilidades de negociação, resolução de problemas, inteligência emocional, e outras competências sociais e cognitivas de forma mais intuitiva e segura.

Outrossim, essa abordagem enfatiza que a brincadeira deve ser prazerosa e livre de diretividade, o que é crucial para a autonomia e a criatividade da criança. Isso é especialmente relevante para crianças com TEA, que muitas vezes encontram dificuldades em ambientes altamente estruturados e rígidos. Ao proporcionar um espaço onde a brincadeira é espontânea e dirigida pelas próprias crianças, estamos oferecendo oportunidades para que elas desenvolvam



suas próprias formas de interação e aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente pesquisa, foi possível evidenciar que a educação inclusiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desafio que demanda um olhar atento e sensível às necessidades individuais desses estudantes. É fundamental compreender que cada aluno com TEA possui suas próprias características, que exigem abordagens pedagógicas específicas e adaptadas para garantir seu desenvolvimento acadêmico e social. A inclusão desses alunos no ambiente escolar é uma forma de respeitar e promover a diversidade, possibilitando que eles tenham acesso ao conhecimento e à interação social em igualdade de condições com seus colegas.

A formação de professores também se demonstrou um elemento fundamental nesse processo, haja vista que educadores preparados são capazes de identificar as necessidades específicas de seus alunos com TEA e aplicar estratégias pedagógicas que realmente façam a diferença no aprendizado. A formação contínua oferece aos docentes ferramentas teóricas e práticas para lidar com os desafios da inclusão, promovendo um ambiente mais acolhedor e estimulante. O desenvolvimento de habilidades, como a compreensão das características do TEA e a aplicação de metodologias diferenciadas, é essencial para criar um ambiente educacional inclusivo e de qualidade.

Além disso, as práticas pedagógicas inovadoras e interativas são de extrema importância no contexto da educação inclusiva. Estratégias que utilizam o lúdico, a tecnologia e métodos criativos de ensino são fundamentais para engajar os alunos com TEA, potencializando suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Práticas interativas permitem que esses estudantes se sintam mais motivados e participativos, proporcionando uma experiência de aprendizagem mais significativa. A utilização de recursos como jogos, atividades sensoriais e tecnologia assistiva pode facilitar a compreensão dos conteúdos e ajudar na superação das barreiras de comunicação e socialização.

Portanto, a educação inclusiva de alunos com TEA só será efetiva se houver uma combinação de três pilares essenciais: a valorização das necessidades individuais dos alunos, a formação contínua e especializada dos professores, e o uso de práticas pedagógicas inovadoras e interativas. Esses elementos são fundamentais para criar uma escola que seja realmente inclusiva, onde todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver em um



ambiente acolhedor, respeitoso e estimulante.

5. REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Sílvia Pimentoal Hoher et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. *Educação em revista*, v. 36, p. e214220, 2020.
- DE LIMA LINO, Gêssica Cristina; DE LIMA LINO, Thiago Henrique. Como tornar a Aula de Ciências inclusiva para alunos com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Insignare Scientia-RIS*, v. 5, n. 5, p. 436-450, 2022.
- DIAS, Sabrina Alves; HENRIQUE, Keila Endo Neves. Adaptação de materiais e atividades para uma criança com transtorno do espectro do autismo: o trabalho colaborativo no processo educacional. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 19, n. 1, 2018.
- DO NASCIMENTO, Gabriela Gomes et al. Crianças Autistas E O Processo De Aprendizagem: Desafios Da Docência. *Revista Educação & Ensino-ISSN 2594-4444*, v. 5, n. 2, 2021.
- DOS ANJOS SILVA, Cristiane Alves. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA-TEA E A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo observacional sobre desafios do professor em sala de aula. *Scientia Generalis*, v. 3, n. 1, p. 271-280, 2022.
- FREITAS, Marcos Cezar; GONÇALVES, Raelen Brandino. A presença de crianças diagnosticadas com tea em escolas públicas:: contradições na oferta de serviços terapêuticos. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 18, p. e11133-e11133, 2023.
- GOMES, Karine; SILVA REIS, Leidiani; SASS, Rafael Farias. O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA. I SELICEN-Seminário das Licenciaturas-PIBID. PRP. UFFS & II SILE-Seminário Internacional de Letras da Fronteira Sul, 2023.
- JARDIM, Maria das Dores Soares Damaceno. Adaptação pedagógica e elaboração de materiais didáticos no ensino de matemática para aluno com transtorno do espectro autista. 2023.
- MACHADO, Gabriela Duarte Silva. A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. *Revista Gapesvida*, v. 5, n. 10, 2019.
- NEVES, Amanda Queiroz das; NASCIMENTO, Lucy Mary da Cunha. Inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil de escolas particulares regulares. 2020.
- REGANHAN, Walquíria Gonçalves; MANZINI, Eduardo José. Percepção de professores do ensino regular sobre recursos e estratégias para o ensino de alunos com deficiência. *Revista Educação Especial*, v. 22, n. 34, p. 127-137, 2009.
- SANTOS, S. S., Souza Rodrigues, O. P., & Formiga Bispo, M. L. S. (2021). O lúdico na **Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural**. *Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial*. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



aprendizagem do aluno autista na educação infantil. Simpósio Internacional De Educação E Comunicação - SIMEDUC, (10). Recuperado de <https://eventosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/simeduc/article/view/14739>

SILVA LEITE, Carleane Maria; DANTAS, Siebra Morais. A Afetividade no Desenvolvimento Cognitivo do Aluno com Transtorno de Espectro Autista–TEA/Affectivity in the Cognitive Development of the Student with Autistic Spectrum Disorder-TEA. ID on line. Revista de psicologia, v. 14, n. 53, p. 41-51, 2020.